

O CINTO SAGRADO DE NOSSA SENHORA: FRAGMENTOS DO CINTURÃO DA VIRGEM MARIA

Celso Kallarrari (UNEB)
celsokallarrari@terra.com.br

RESUMO

Neste artigo, apresentaremos a história e a presença do Cinto Sagrado da Virgem Maria em diversas Igrejas Siro-Ortodoxas, relíquia conservada e guardada por milênios pela Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia e que, em meados do século passado, fora reencontrada no altar de Igreja de Homs, na Síria, mais conhecida como Igreja do Santo Cinto. A Declaração Patriarcal (BARSOU, 1997) trata-se de um relato do patriarca Mor Inácio Efrém I Barsoum sobre a história do Cinto de Maria, historicizando o período do seu descobrimento, primeiramente, em 1852, durante o arcebispado de Mor Julius Peter (Patriarca Mor Inácio Pedro V) e depositado no altar da Igreja de Homs, sendo, posteriormente, em 1953, redescoberto, no mesmo altar, dentro de um recipiente de pedra, pelo Patriarca Mor Efrém I Barsoum. Nosso objetivo, neste trabalho, é apontar, a partir de uma investigação bibliográfica, a presença dos fragmentos (frações) do Cinturão Sagrado da Virgem Maria, venerado em algumas Igrejas Siro-Ortodoxas espalhadas pelo mundo. Para tanto, buscaremos fazer uma atualização da temática aqui abordada, apontando para os fragmentos (partes) do Cinto Sagrado de Maria que, no decorrer da história cristã-siro-ortodoxa – marcada, exclusivamente, por perseguições, guerras, genocídios e, conseqüentemente, pelas diásporas – ganharam novos templos religiosos. Lugares estes, onde o culto à relíquia mariana, num processo ininterrupto, continua sendo motivado pelas novas gerações. Busca-se, portanto, com este artigo, atualizar o assunto sobre o “Cinturão” (*Soonoro*, aramaico) de Maria, identificando os centros religiosos cristãos-sírios-ortodoxos, onde a presença do Santo Cinto é, atualmente, conservada e venerada.

Palavras-chave: Cinto (Cinturão) Sagrado. Declaração patriarcal. Virgem Maria.

ABSTRACT

In this article, we will present the history and presence of the Virgin Mary's Sacred Belt in several Syrian-Orthodox Churches, a relic preserved and guarded for millennia by the Syrian Orthodox Church of Antioch and which, in the middle of the last century, was found on the altar of the Church of Homs in Syria, better known as the Holy Belt Church. The Patriarchal Declaration (BARSOU, 1997) is an account of Patriarch Mor Ignatius Ephrem I Barsoum on the history of the Belt of Mary, historicizing the period of its discovery, first in 1852, during the Archbishopric of Mor Julius Peter (Patriarch Ignatius Peter V) and deposited on the altar of the Church of Homs, and later, in 1953, rediscovered on the same altar, in a stone container, by Patriarch Mor Efrém I Barsoum. Our aim, in this work, is to point out, from a bibliographical investigation, the presence of the fragments (fractions) of the Sacred Belt of the Virgin Mary, venerated in some Syro-Orthodox Churches around the world. To this end, we will try to update the thematic approached here, pointing to the fragments (parts) of the Sacred Belt of Mary which, throughout Christian-Syro-Orthodox history – mar-

ked exclusively by persecution, war, genocide and, consequently, for diasporas – they gained new religious temples. These places, where the worship of the Marian relic, in an uninterrupted process, continues to be motivated by the new generations. Therefore, this article seeks to update the subject of Mary's “Belt” (Soonoro, Aramaic), identifying the Christian-Syrian-Orthodox religious centers, where the presence of the Holy Belt is currently preserved and venerated.

Keywords: Sacred Girdle. Patriarchal Declaration. Virgin Mary.

1. Introdução

Nosso objetivo, neste trabalho, é apontar, a partir de uma investigação bibliográfica, a presença dos fragmentos (frações) do Cinturão Sagrado de Nossa Senhora, venerado em algumas Igrejas Siro-Ortodoxas espalhadas pelo mundo. Para tal propósito, apresentaremos uma síntese da história da Assunção Mariana, com base nos ensinamentos da tradição eclesial e litúrgica da Igreja Ortodoxa Síriaca.

O relato do “Cinturão de Tomé” é indissociável ao acontecimento da Assunção de Maria. Daí a importância para a história do cristianismo em resgatar a narração do Cinto *Sagrado* que está, diretamente, ligado à “Igreja de Homs”, na Síria, ou à “Igreja do Cinturão Sagrado” como comumente é chamada. Em seguida, buscar-se-á identificar como se deu a propagação e a fragmentação do Santo Cinto pelo mundo. O Santo Cinto, por sua vez, fora, ao longo dos séculos, perdendo, paulatinamente, suas dimensões de comprimento, uma vez que, conforme evidenciaremos adiante, passou por um processo de fragmentação, constituindo-se novas relíquias, expostas em novos centros de culto religioso para sua veneração.

2. A Assunção (Dormição) de Maria

Um dos mais famosos hinos da Igreja Sirian Ortodoxa, quando se celebra a Festa da Dormição de Maria, é uma oração que se faz diretamente à Virgem Maria, rogando a ela sua intercessão no momento de nossa morte. A oração enaltece a sua virgindade, referindo-se ao seu adormecimento e, conseqüentemente, sua Assunção aos céus:

Ao dar à luz, manteve a tua virgindade.

Ao adormecer, não abandonaste o mundo, ó Mãe de Deus.

Tu passaste para a vida, porque tu és a mãe da vida,
E, por tuas intercessões, livra nossas almas da morte.¹

Frequentemente, a liturgia da Igreja Sirian Ortodoxa a recorda, invocando-a quando se comemora os diversos santos e, principalmente, quando, no rito eucarístico, o padre incensa os dons oferecidos no altar, porque, “No aroma deste incenso está a Virgem Maria, Mãe de Deus”. Aliás, “os maiores doutores sírios-ortodoxos – Tiago de Sarug e Severo de Antioquia, do século VI – são também grandes cantores da Virgem”. (KALLARRARI, 2012, p. 78)

Sobre a Dormição e a Assunção de Maria, Sua Santidade Inácio Zakka I Iwas, na Encíclica patriarcal *A Santíssima Virgem Maria na Igreja Ortodoxa Siríaca*, assim comenta:

Nossa Senhora ansiava pelo dia de sua morte, pois desejava subir aos céus. Não se sabe, porém, a data precisa de sua morte, porque há controvérsias entre os historiadores. Apesar disso, é muito provável que seja no ano 56 d.C., quando Maria, provavelmente, teria setenta anos. (IWAS, 2010, p. 14)

De acordo com a tradição oriental, a Assunção de Maria fora precedida pela sua Dormição. É preciso distinguir os dois termos. O primeiro, Assunção, é, frequentemente, atribuído à Igreja Católica, enquanto que o segundo às Igrejas de tradição ortodoxa-bizantina ou orientais. Nota-se, entretanto, que, em ambos os casos, dá-se ênfase à passagem ou ao caminho de Maria da dimensão terrena (corporal) para a dimensão espiritual. Na tradição litúrgica sírio-ocidental, dá-se ênfase ao trânsito (ou seja, caminho) da Mãe de Deus,

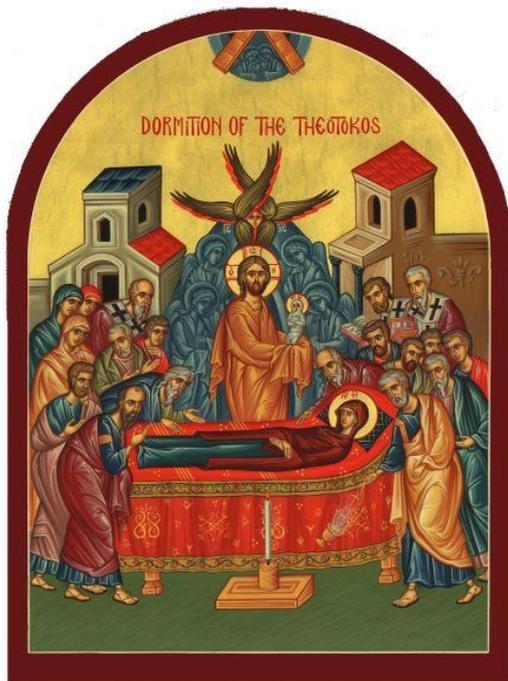
descrevendo-o como motivo de alegria para toda a criação, e não como um momento de luto ou desespero. Em algumas representações, para destacar a diferença entre a morte terrena e a de Maria, é retratada uma pequena menina em faixas de roupa que simboliza a alma da Virgem, dada aos anjos para ser levada com o corpo para o céu. (ROSA, 2019)

Maria, após morrer, conforme registra a tradição apostólica e patristica, fora assunta aos céus e recebida por Cristo, em corpo e alma. É assim que creem os Ortodoxos e Católicos.

Entretanto, o acontecimento da Assunção, depois da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, importantíssimo na história do cristianismo, não se constitui, um dogma para os siro-ortodoxos, como é evidente na Igreja (Romana) do ocidente. Para aqueles, não há a necessidade de insti-

¹ Hino da Divina Liturgia da Festa da Dormição de Maria.

tuição do dogma, uma vez que a própria tradição apostólica e patrística – em seus escritos e testemunhos orais que chegaram até nós – dão-nos a garantia da certeza da fé que proclamamos sem, todavia, termos a obrigação de teorizar a nossa crença.



Jesus Cristo recebendo o corpo santíssimo de sua mãe

3. O Cinturão de São Tomé

Concomitante ao relato da Assunção da Virgem Maria, a Igreja Sirian Ortodoxa recebeu, desde os seus primórdios, uma prova testemunhal importantíssima, qual seja, o Cinto (ou Cinturão²) da Santíssima Virgem, uma das mais preciosas relíquias da Igreja Sirian Ortodoxa, prova cabal da lembrança de sua passagem pela terra.

² À luz da história cristã-oriental, era costume entre as mulheres o uso de vários tipos de cintos como acessório feminino.



A Assunção da Virgem Maria, sendo levada pelos anjos aos céus e entregando o Cinto a Tomé

Logo após ser redescoberto, em meados de abril de 1953, no altar da Igreja de Homs, o cinto da Virgem Maria media 74 cm de comprimento e 5 cm de largura. Era composto de uma camada extensa de fio de lã e por tiras de tecido de seda e bordado com faixas de fios dourados.

Baseado na narrativa siríaca do apóstolo Tomé, essa relíquia mariana é um privilégio testemunhal confiado à nossa Igreja desde os primórdios do cristianismo. Ela é considerada uma prova que evidencia a Assunção de Maria aos céus.

Segundo a tradição apostólica, depois da morte (dormição) de Maria, todos os apóstolos se reuniram em Jerusalém para a cerimônia de seu sepultamento. Quando a virgem foi sepultada, São Tomé, um dos doze apóstolos de Cristo, não estava presente com os demais, pois estava

em viagem missionária na Pérsia e Índia. No caminho à Jerusalém, teve o encontro com a Virgem que subia aos céus, em forma corpórea, levada pelos anjos. Ao vê-la, pensando estar vendo sua alma, ele gritou, angustiado, por não ter passado os últimos dias com Maria, quando ela desatou seu Cinto e deixou cair nas mãos do apóstolo como prova daquele milagre.

Ao chegar em Jerusalém, após o sepultamento da Virgem, Tomé contou aos demais apóstolos o que lhe havia sucedido no caminho. Por conta da visão que teve no caminho, ele acreditava que a Virgem havia subido em alma aos céus. No entanto, imbuído pelo desejo de ver o corpo de Maria pela última vez, pediu aos apóstolos para abrir o túmulo de Maria, a fim de vê-la, pela última vez. Ao abrirem, pois, o túmulo estava vazio, não encontraram o corpo santo da Santíssima Mãe de Deus (*Theotokos*), confirmando, dessa forma, a verdade sobre sua Assunção aos céus em seu corpo santificado.

Quando o apóstolo voltou para a Índia, levou consigo o Cinturão. No ano de 394 d.C., diz a tradição que ele fora levado para Edessa (Urfa na Turquia). Mais tarde, o Cinturão fora levado (escondido na capa de um livro) por um padre e membros da comunidade para Homs, na Síria. Em Homs, fora depositado sob uma pedra do altar da Igreja que, naquela época, começou a ser chamada de Igreja da Mãe do Cinturão. De acordo com a tradição, “a Igreja onde se encontra o Cinturão foi edificado no ano de 59, por Mília, um dos 70 apóstolos menores”. (SULEIMAN, 2018, p. 40)

A sua Dormição faz-se compreender teologicamente que a Virgem Maria morreu de morte natural como qualquer outro cristão. E que a sua Dormição (morte) e sua Assunção são dois eventos separados, diferentemente de como o dogma romano da Assunção professa. Podemos observar isso num dos escritos de São Jacob de Serugh (451-521) acerca da Assunção Virgem Maria: “Quando a Virgem estava em seu leito de morte, os anjos, os justos, profetas e pais desceram do céu e a ela apareceram, de acordo a ordem de Deus. Os doze apóstolos e evangelistas vieram e a enterraram em uma caverna rochosa”.

Essa crença é unânime a todos os cristãos orientais no quinto século. Após a morte de Maria, sua alma fora recebida por Cristo e, no terceiro dia, seu corpo fora ressuscitado e assunto pelos anjos aos céus. Entretanto, a Igreja Ortodoxa Copta e a Igreja Ortodoxa Etíope fazem um cálculo diferente de dias entre a “Dormição” e a “Assunção” de Maria.

Para os Coptas e Etíopes, o período que distancia a “Dormição” e “Assunção” é de 206 dias, enquanto que a maioria das Igrejas Orientais distanciam em três dias o período entre a Dormição e Assunção de Maria.

Por conta disso, na Igreja Ortodoxa Copta, por exemplo, celebra-se duas Festas: a da Dormição e a da Assunção de Maria. A festa da “Dormição” ocorre no dia 30 de janeiro, enquanto a Festa da Assunção acontece no dia 22 de agosto. Esta tradição apoia-se nos escritos de São Teodósio que diz que

Quando a Virgem Maria morreu, Jesus apareceu a São Pedro e São João, ordenando-os que levasse o corpo da Sua Santíssima Mãe e o depositasse num túmulo de pedra, que o fechasse e ficasse em oração até o tempo da sua Assunção, qual seja, duzentos e seis dias (206), ocasião em que Ele mesmo voltaria e uniria a alma ao corpo da Virgem e, em seguida, elevá-la-ia ao céu.

Alguns coptas, ao contrário, têm uma crença diferente da maioria, qual seja, acreditam que o corpo da Virgem fora transferido (sem a ressurreição ou reunião do corpo e da alma) e que sua alma está no paraíso, aguardando a ressurreição.

Outra tradição, a dos Católicos Romanos, com base no Dogma da Assunção (proclamado em 1950 pela Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*), afirma que Maria fora elevada aos céus em corpo e alma, sem, todavia, mencionar ou dar resposta se a Virgem fora ou não submetida a morte natural, porque, segundo a Constituição Apostólica, a incorruptibilidade e a imortalidade lhe foram concedidas mesmo não tendo passado pela morte, ou tendo morrido, mediante a ressurreição antecipada, da qual os cristãos passarão na Segunda vinda de Cristo nos tempos finais.

Nesse sentido, o dogma católico romano da Assunção é baseado no dogma mariano da Imaculada Conceição (que prediz que a Virgem nasceu imaculada, livre do pecado original), promulgada pelo Papa Pio IX, em 8 de dezembro de 1854, através de sua Bula *Ineffabilis Deus*. Busca-se, portanto, reafirmar o primeiro dogma, instituindo o segundo, uma vez que, de acordo com a doutrina católica, Maria, desde o seu nascimento, fora preservada do pecado original e, portanto, não poderia passar pela morte natural, porque ela “foi assumida, de corpo e alma, na glória celeste” (*Munificentissimus Deus*, 1950)

Com efeito, isso significava que, sendo sem pecado, a Virgem Maria não poderia morrer, mas foi assumida (assunta) ao céu tanto no corpo como na alma. Entretanto, para os ortodoxos orientais, os dois

dogmas marianos católicos romanos são, antes, racionalizações da piedade e não estão, claramente, garantidos pela Santa Tradição da Igreja. A piedade e a fé ortodoxas preservam o mistério da bem-aventurada *Theotokos*, juntamente com o mistério de Cristo Encarnado, Deus e Senhor da Glória.



Após abrirem o sepulcro da Virgem Maria, os discípulos o encontram vazio

Conforme nos relata Sua Santidade Mor Inácio Zaqueu I Iwas, “A tradição siríaca relata que Tomé levou o cinto com ele para a Índia, onde o apóstolo fora martirizado pelas mãos de sacerdotes pagãos”. Quando a relíquia (ossos) de Tomé foi levada, no século IV (394 d. C.), para Edessa (Turquia), com ela, veio também o Cinturão de Nossa Senhora.

Mais tarde, o “Cinturão de Tomé”, como era conhecido, foi transferido para a Igreja da Virgem, um pequeno Santuário que, em 59 d. C.³, fora construído, em Homs, e dedicado à Virgem Maria. Há registro, nos manuscritos sobre a vida de São Bassos, datado de 478 d. C., que autentica a veracidade da existência da Igreja em Homs⁴ dedicada à Virgem Maria.



Em 1852, quando aconteceu, nesta Igreja, uma restauração de sua estrutura, por ordem do bispo Boutros Moussali, o pedaço de pano (Cinturão) fora encontrado e testemunhado por diversas pessoas da comunidade Ortodoxa Siríaca de Homs, Hamá, Damasco, Iraque e de outros centros religiosos orientais e, mantido no novo altar construído. Em 1953, quando o Patriarca Inácio Efrém I Barsoum descobriu uma carta entre outros manuscritos que falava acerca da renovação da Igreja e do Cinturão de Nossa Senhora, ordenou que uma equipe realizasse as escavações e, finalmente, abrisse o altar da Igreja, encontrando a relíquia sagrada.

Ao quebrar o altar antigo, encontraram, nele, numa bacia (cuba), feita de uma pedra balsâmica (mármore), um tubo de cobre, contendo

³ A tradição registra que Malayla, companheiro do apóstolo Tomé e um dos setenta discípulos, teria trazido para Homs, durante a perseguição cristã, a relíquia da Virgem (Cinturão), temendo que ela caísse nas mãos dos gentios.

⁴ [...] a tradição cristã oriental indica que as Igrejas que foram construídas em nome da Virgem foram algumas das mais antigas igrejas. De fato, a Igreja da Senhora do Cinto faz parte deste grupo de Igrejas (BARSOUM, 1967, p. 26)

uma faixa de tecido de 74 cm de comprimento, 5 cm de largura e 2 mm de espessura. Ao solicitar uma análise criteriosa pela equipe de peritos de Damasco, o relatório, datado de 6 de agosto de 1953, apontou que tanto o tubo quanto a cuba datam do período bizantino, enquanto que o “Cinturão” fora datado do período do Império Romano.

De acordo com a tradição siríaca cristã, o culto cristão dedicado à Virgem do Cinturão Sagrado acontece desde 59 (d. C.). Segundo um documento histórico que relata a vida de São Bassos, datado de 478 (d. C.), a Igreja de Homs, dedicada a Virgem Maria, já existia. Somente no século XIX, mais especificamente, em 1852, é que o patriarca Mor Inácio Efrém I, ao descobrir a “carta”, ordenou as escavações e, enfim, o cinto fora redescoberto e, desse modo, conservado o culto a relíquia sagrada. Mais tarde, sua devoção ultrapassou continentes: países da Europa, Índia, Austrália e as Américas.

4. A conservação do Cinturão

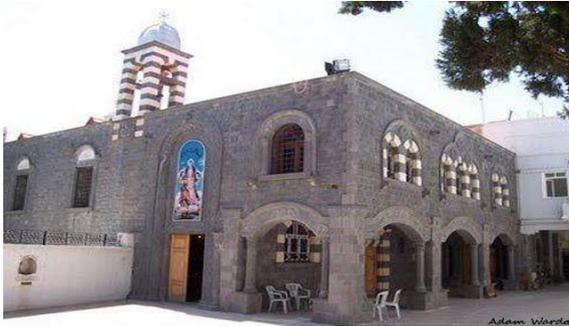
4.1. Na Síria

Se as igrejas construídas em nome da Virgem Maria são as mais antigas na história do cristianismo primitivo, não há como não reconhecer que a “Igreja de Homs”, na Síria, tornou-se a mais importante deste grupo. Primeiro porque ela passou a ser, no século IV, o local, onde, oficialmente, o “Cinturão Sagrado de Maria” fora depositado e, em 1852, descoberto e redescoberto um século depois (em 1953). Segundo, porque, conseqüentemente, deste local sagrado, o culto à preciosa relíquia se espalhou pelo mundo afora. Séculos mais tarde, desta Igreja – a qual passou a ser chamada de “Igreja do Cinturão Sagrado” – foram transportados, fragmentos (frações) do Cinturão a outros locais santos (cidades e países) ao redor do mundo. Isso porque com as migrações, causadas, principalmente no século X e XVII, e, mais recente, na perseguição Otomana e na Primeira Guerra Mundial⁵, muitas igrejas foram erguidas, a fim de atender os fiéis cristãos siro-ortodoxos espalhados pelo mundo⁶.

⁵ Período onde muitos sírios se refugiaram em outros países.

⁶ Devemos levar em conta que, no final do século XX e início do século XXI, muitas outras comunidades foram se constituindo-se em diversos países por conta do processo de diversas missões e, mais recentemente, por conta da dispersão de muitos cristãos sírios-ortodoxos que deixaram a Síria por causa da Guerra (2011 a 2014).

Neste período, a Igreja Ortodoxa Síriaca teve sua maior expansão, compreendendo uma quantidade de mais de vinte (20) arquidioceses e mais de cem (100) dioceses. No século XVII, destas, o número fora reduzido para apenas 20 dioceses e, no século XX, o número limitou-se, enfim, a 10 (dez) arquidioceses. Essa situação fez com que a Sede do patriarcado Siro-Ortodoxo sofresse constantes mudanças quanto à sua localização que localizava-se, antes da Primeira Guerra Mundial, em Mardin, e, depois, em *Deir Za'faran*, em Homs (1932) e, finalmente, em Damasco, desde 1959. Outro fator importante que não podemos deixar de ser lembrado é de que a Igreja de Antioquia que manteve sua Sé em Antioquia até o ano de 518 d.C⁷. Ela é considerada a Igreja mais antiga, muito conhecida, principalmente depois da destruição de Jerusalém, em 70 d. C. por Tito, Imperador Romano.



A atual Catedral do Cinturão Sagrado, em Homs – que fora construída sobre a antiga “Igreja do Cinturão Sagrado” – antes da destruição pela Guerra da Síria (2011 a 2014)

O edifício fora construído sobre a pequena Igreja subterrânea, dedicada, desde 59 d. C., à Virgem Maria. É, atualmente, a sede do arcebispo Siro-Ortodoxo.

Durante o longo período de guerra (2011 a 2014), violentos confrontos entre o governo Bashar al-Assad e os rebeldes destruíram, o centro histórico de Homs, considerado a terceira maior cidade da Síria. Entre os edifícios, casas, comércios e Igrejas, a Igreja do Cinturão Sagrado foi, quase que, totalmente, destruída, durante os intensos combates entre a

⁷ “Por conta das muitas reviravoltas históricas e dificuldades consequentes que a Igreja foi forçada a submeter-se, ela foi transferida para diferentes mosteiros da Mesopotâmia. No século XIII, estabeleceu-se no mosteiro de *Deir Al-Zaafan*, perto de Mardin, na Turquia”, onde ficou até 1959, quando foi definitivamente transferida para Damasco, na Síria. (IWAS, 2016, p. 31).

oposição armada e as forças de segurança do governo de Bashar Assad⁸. Nesse período, retirou-se a relíquia do Santo Cinto da Catedral Siro-Ortodoxa de Homs, onde ela sempre foi venerada, a fim de não ser alvo de milicianos opositores do governo sírio.



Partes da Igreja de Homs destruída pelos confrontos entre os rebeldes opositores e o governo sírio.

Finalmente, em 2014, após cessar o conflito armado, a Catedral de Homs fora, aos poucos, restaurada com a ajuda e intenso esforço dos fiéis sírios e a Divina Liturgia foi, nela, novamente, celebrada. Em 2014, fora introduzido novamente na Igreja, o Cinturão Sagrado da Virgem Maria pelas mãos de Sua Santidade, o patriarca Inácio Efrém II.



Sua Santidade, o patriarca Inácio Efrém II em procissão dentro da Igreja do Cinturão Sagrado restaurada

⁸ Nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2012, a antiga Igreja do Cinturão Sagrado da Santa Maria, localizada no centro de Homs (Cidade Velha), foi danificada nos combates. Durante os confrontos militares entre as milícias e as forças do governo, as igrejas foram, muitas vezes, usadas como escudos aos milicianos, a fim de se protegerem dos bombardeios. (DEVASTADA, 2018, s.p.)

No dia 15 de agosto⁹ de 2014, Festa da Dormição e Assunção de Maria, Sua Santidade Mor Inácio Efrém II Karim fez a entronização do Cinturão de Nossa Senhora na Igreja de Santa Maria, Cidade Velha de Homs, devolvendo a Relíquia venerada e o seu ícone, depois que o governo Sírio retomou a cidade de Damasco, na Síria.

Na fotografia abaixo, Sua Santidade, o patriarca Inácio Efrém II, entrando com a relíquia Sagrada na Igreja do Cinturão Sagrado.



Sua Santidade elevando o relicário do Santo Cinto

Abaixo, observamos Sua Eminência Mor Malatheos Barnabas, ex-arcebispo de Homs e Hama, segurando a cinturão sagrado de Nossa Senhora. E, ao seu lado, Sua Eminência Mor Silvanos Boutros Al-Nehmeh, arcebispo de Homs e Hama, apresentando a relíquia aos fiéis, na Igreja do Cinturão Sagrado, em Homs, Síria. O arcebispo é, atualmente, o responsável pela arquidiocese de Homs e Hama.



À esquerda, Dom Mor Malatheos Barnabas, ex-arcebispo de Homs e Hama, segurando o cinturão sagrada de Madre Maria. Ao seu lado, Dom Silvanos B. Al-Nehmeh, atual arcebispo de Homs e Hama, expando o Santo Cinto aos fiéis.

⁹ A Igreja Ortodoxa Siríaca e a maioria das Igrejas Ortodoxas Orientais, inclusive a Igreja Católica Romana, celebram a Festa da Assunção de Maria no dia 15 de agosto. Somente a Igreja Ortodoxa Copta e a Igreja Etíope celebram no dia 22 de agosto.

5. A fragmentação do cinturão

Nas Igrejas Siro-Ortodoxas, onde há a veneração aos fragmentos (partes) do Cinturão Sagrado, é comum retirar o relicário para procissão, no dia 25 de março, na festa da Anunciação de Nossa Senhora; e, no dia 8 de setembro, depois do Jejum de oito dias, quando celebramos a festa da Natividade de Maria. Apesar de não ser obrigatória, o Jejum de oito dias, realizado na Festa da Natividade (8 de setembro), é uma prática religiosa entre os cristãos sírios de países árabes e, na Índia, entre os jacobitas malankara. Ele começa no primeiro dia ao oitavo de setembro. Na Índia, é chamado, na língua Malaylan, de *Ettunoyambu*, ou seja, o oitavo dia de jejum, culminando com a Festa da Natividade de Nossa Senhora. Entretanto, o Jejum de 5 dias, antes da Festa da Assunção de Maria, no dia 15 de agosto, é, pois, obrigatório para toda a Igreja universal.

Diz a tradição que a devoção e o jejum Mariano não eram seguidos pelas comunidades e igrejas de outros centros cristãos, a exemplo de Éfeso, Tessalônica e Galácia. Foi somente quando o apóstolo João, o Evangelista, depois que cuidou da Virgem Maria até o dia em que ela adormeceu (48 d.C.), partiu para Éfeso é que divulgou as tradições marianas antioquinas, ligando as festividades religiosas às bênçãos que Deus nos deu na natureza, assim como acontecia em Antioquia e toda a Mesopotâmia.

Não podemos nos esquecer que, por conta da diáspora e, conseqüentemente, pelo processo de evangelização em outros países não orientais, fragmentos foram, ao longo do tempo, levados para outros países, a exemplo da Índia, da Europa, do Canadá, nos Estados Unidos e, mais recentemente, do Brasil.

5.1. Na Índia

Na Índia, por exemplo, há várias Igrejas com o título de Nossa Senhora do Cinturão Sagrado. É o continente ao qual se destinou o maior número de fragmentos do Santo Cinto. Isso se deu porque, como a história registra, porque a Índia fora o *locus* do qual São Tomé fora transportado quando da morte e Assunção de Maria, e onde o apóstolo do Cinto evangelizou e deixou, ali, seu legado. A Índia é, hoje, o lugar onde há o maior número de fiéis cristãos da Igreja Ortodoxa Siríaca Malankara, porque, desde o século XVII, o Patriarcado Siríaco incluiu a Igreja autônoma da Índia. Seu atual líder, Sua Beatitude Mor Basílio Tomé I, cha-

mado de “Católicos ou Maferiono para a Índia”. A sede e residência do Catholicós, Sua Beatitude Mor Baselios Thomas, é o "Centro Mor Inácio Zaqueu I", em Puthencruz, próximo de Kochi. Este centro funciona também como a sede da Igreja Ortodoxa Siríaca na Índia.

Os Malankares são, também, reportados por “Cristãos de São Tomé”, sinônimo de Malabar. Eles estão na região situada à costa ocidental do sul da Índia, formando, atualmente, o Estado do Kerala. “O nome Malankar foi adotado pelos fiéis do rito siríaco-ocidental antioqueno católico para diferenciar dos fiéis de rito siríaco-oriental ou caldeu (Malabar).

Em 1550, uma parte da Igreja Católica Malabar (Caldeu) da Índia, começou um processo de volta para o Patriarcado Siríaco Ortodoxo de Antioquia. Essa parte buscava eliminar a influência da Igreja latina e reintroduzir-se com suas origens e tradições siríacas. Com o declínio do domínio português na Índia, os indianos malabares, sob a liderança do Arquidiácono Thomas Parambil, receberam, em 1665, o Bispo Ortodoxo Siríaco de Jerusalém Mor Gregórios de braços abertos. Eles se submeteram, novamente, ao Patriarcado Siríaco Ortodoxo. Atualmente, eles constituem uma igreja semiautônoma. Em 1930, parte dessa igreja se tornou católica, mantendo o rito siríaco. (KHATLAB, 1997, p. 167)

A devoção e veneração a São Tomé, o apóstolo missionário da Índia, é inquestionável pelos indianos, principalmente os de Kerala. Aos países para onde o povo indiano imigrou, a exemplo da Europa, Austrália e a América do Norte, os fiéis cristãos levaram consigo a devoção à Santíssima Virgem do Santo Cinto, a quem a vida de São Tomé está intrinsecamente ligada.

Entre as Igrejas Siro-Ortodoxas na Índia, a Igreja de Santa Maria de Kottayam Cheriapally faz parte de uma das mais antigas igrejas presentes em Kerala, limitada ao leste da Índia. A tradição diz que fora estabelecida por São Tomás. Esta Igreja fora construída no ano de 1579, sob uma mistura arquitetônica entre o persa e o kerala e encontra-se, na atualidade, em excelente estado de conservação. Suas paredes são revestidas de belas pinturas bíblicas, feitas no estilo ocidental e oriental. Nesta Igreja, também se conserva um fragmento (fração) do Cinturão Sagrado da Virgem Maria.



Este desenho foi feito, a lápis, no ano de 1835

Em 1982, durante a visita Apostólica de Sua Santidade, o Patriarca Mor Inácio Zaqueu I Iwas, a Índia, uma parte significativa do Cinturão fora levado e dividido entre muitas igrejas em Malankara, de modo que boa parte delas tornaram-se locais de veneração do Cinturão Sagrado. Ela está sob o comando do Maphrion Sua Beatitude Mor Basílio Paulo II que, por sua vez, está sob a jurisdição eclesiástica da Igreja Ortodoxa Siríaca. A mais importante delas é a Igreja da Santa Maria, também conhecida como Catedral Sirian Jacobita de Santa Maria, em Manacardi, local onde fieis têm demonstrado grande respeito e veneração à relíquia, conforme a ilustração abaixo:



Igreja da Santa Maria, em Manacardi, ou Catedral da Santa Maria

A Catedral da Santa Maria abrange um total de 2.000 famílias. É, atualmente, um dos mais renomados centros de peregrinação cristã de Kerala e pertence aos cristãos sírios jacobitas Malankara. É comum a festa anual dos oito primeiros dias de setembro em honra a Natividade de Maria¹⁰, quando milhares de devotos, em peregrinação, ocorrem-se para participar das orações e rituais litúrgicos, a fim de buscar as bênçãos da Mãe de Deus. De acordo com William Toma,

Em cada celebração litúrgica, seja nos ofícios divinos ou na Santa Eucaristia, um hino ou oração especial é designado a ela; daí, o nome dela ser repetido nas orações da igreja do dia e da noite. Como regra litúrgica, as quartas-feiras são dedicadas à abençoada virgem em todos os ofícios das horas do dia. (TOMA, 2018)



Interior (altar sagrado) da Catedral Santa Maria

Há, ainda, a Igreja de Meenangad (Igreja Ortodoxa Siríaca Malankara Jacobita), por exemplo, que, assim como a Catedral da Santa Maria, em Manarcadi, configura-se, também, como um grande Centro de peregrinação mariana.



Relicário, contendo parte do Santo Cinto, exposto para veneração no interior da Igreja de Santa Maria, em Meenangadi, Wayanad

¹⁰ Conforme dissemos anteriormente, a Festa da Natividade (*Ettunoyambu*, malaylan) é precedida pelo Jejum de oito dias.

A Igreja do Santo Cinto (*Soonoro*, no aramaico) de Maria está localizada em Meenangad, no Distrito de Wayanad, Kerala, na Índia. Ela está sob a direção da arquidiocese de Malayalam, sendo a primeira associação missionária da Igreja Ortodoxa Siríaca, submissa ao Patriarca Moran Mor Inácio Efrém II Karim, Patriarca da Igreja Ortodoxa Siríaca. Em 2006, a igreja foi elevada ao *status* de Centro de Peregrinação Mariana, e, em 2008, celebrou-se seu Jubileu de Ouro.



Interior da Igreja da Santa Maria, em Meenangadi

5.2. Nas Américas:

5.2.1. Estados Unidos

No início de 1900, as comunidades de siríacos na parte Leste dos Estados Unidos tinham um número considerado, fazendo com que o patriarca enviasse um padre, em 1907 para servir as comunidades de Nova York e Nova Jersey. Entretanto, há indícios de comunidades desde a década de 1890, em Nova Jersey, Rode Island e em torno de Detroit, e, ainda, outras comunidades de imigrantes no Canadá (Mardin), quando se deu as primeiras levas de imigrantes aos Estados Unidos.

Os imigrantes, em sua maioria, eram trabalhadores em Nova Jersey, porque a cidade “era uma área importante de produção de sede, fazendo com que a maioria dos imigrantes tornassem operários (provenientes de *Tur Abdin*) em indústrias americanas, pois estes já tinham experiências como tecelões. Seus filhos mais tarde, depois de frequentarem as escolas primárias e secundárias, começaram a se formar em área da advocacia, engenharia etc., favorecendo, portanto, a extensão do campo missionário para o Oeste americano com o estabelecimento de novas comunidades religiosas.

Desde o Sínodo de 1996, a Igreja Ortodoxa Siríaca nos Estados Unidos fora dividida, em duas arquidioceses¹¹, a fim de melhor atender às necessidades pastorais. A primeira é a arquidiocese do Oeste dos Estados Unidos, cujo arcebispo metropolitano é Sua Eminência Dom Cleemis Eugene Kaplan. A segunda é a Arquidiocese do Leste dos Estados Unidos, cujo arcebispo metropolitano é Sua Eminência Dom Dionísio John Kawak, onde o Santo Cinto da Virgem Maria também se faz presente.

Na foto abaixo, observamos o arcebispo Dom Dionísio John Kawak expondo a relíquia do Santo Cinto na Igreja da Mãe de Deus do Santo Cinto, em Jacksonville, Flórida.



Dom Dionísio, expondo o relicário do Santo Cinto aos fiéis

5.2.2. Brasil

Apesar de existir um número considerável de famílias siríacas nos Estados Unidos, somente depois do Sayfo (Ano da Espada) e, consequentemente, com a imigração significativa de sírios fugindo do “Grande massacre”¹², durante a Primeira Guerra Mundial, que os sírios chegaram ao Brasil:

Órfãos e viúvas, família inteiras dilaceradas foram lançadas para fora das suas propriedades e após caminhadas intermináveis acomodadas em acampamentos precários abandonadas à própria sorte, enquanto as grandes potências discutiam a divisão do Oriente em protetorados e colônias. (SURYOYE, n. 01)

¹¹ Há, ainda, uma terceira Arquidiocese dos malankaras, qual seja, Arquidiocese de Malankara da América do Norte, cujo arcebispo é o metropolitano Dom Theethos Yeldho, submisso ao *Catholicós* Sua Beatitude Mor Basílio Tomé I.

¹² Em 2019, comemora-se 104 anos do Genocídio Sayfo. Também conhecido por o “Ano da Espada” ou, ainda, o “Grande Massacre”, quando muitos siríacos (*suryoye*) tiveram que descer das montanhas de Tur Abdin para o Iraque, Síria, Líbano, Jordânia e Palestina, ocasionando um grande processo de imigração para o Ocidente (SURYOYE, n. 1, s/d).

É, nesse período imigratório, que a Igreja Siríaca na América Latina, especialmente, no Brasil vai se firmar, dando início, em meados do século XX, a construção das quatro mais importantes Igrejas Siríacas de colônias em solo brasileiro.

A Igreja Ortodoxa Siríaca está presente desde a década de 50 com a presença dos imigrantes das primeiras colônias sírias oriundas da perseguição otomana e, conseqüentemente, suas primeiras comunidades religiosas estabelecidas em três capitais importantes do Brasil, qual seja, Campo Grande (Catedral de São Jorge), São Paulo (Igreja de Santa Maria e Igreja de São João Batista) e Belo Horizonte (Igreja de São Pedro).

Em 1983, amparado pela Bula Patriarcal 128/83, Dom Crisóstomo Moussa Matanos Salama dá início a uma missão¹³ evangelizadora entre os brasileiros, abrindo as portas da Igreja Ortodoxa Siríaca para os interessados em viver a doutrina cristã-siro-ortodoxa, fazendo com que, no Brasil, a partir de uma decisão sinodal, dois ramos se formassem.

Um ramo tradicionalista, compostos pelas igrejas de colônia (diáspora) que, durante muitos anos, fora administrada por delegados patriarcais, sem a presença de um bispo. Atualmente, essas “Igrejas Tradicionais” são administradas pelo arcebispo metropolitano Dom (Mor) Severius Malke Mourad¹⁴, entronizado no dia 16 de dezembro de 2018:



O outro ramo é de cunho missionário, composto pelas igrejas de missão, pertencentes a Arquidiocese Missionária no Brasil, atualmente

¹³ A missão siro-ortodoxa no Brasil iniciou-se com bastante influência da experiência de Dom Crisóstomo Moussa Matanos Salama quem, influenciado pela experiência missionária na Índia, quando lá atuou, desenvolvendo um excelente trabalho de evangelização (KALLARRARI, 2012, p. 103).

¹⁴ No dia 16 de dezembro de 2018, em Cerimônia Especial de entronização, o arcebispo Dom (Mor) Severius Malke Mourad assumiu a representação patriarcal no Brasil para as Igrejas Tradicionais (diásporas).

administrada pelo arcebispo metropolitano Dom Tito Paulo George Hanna, conforme ilustração abaixo:

Com o falecimento de Dom Crisóstomo Moussa Matanos Salama, em 1996, assumiram, respectivamente, a presidência e vice-presidência da Arquidiocese no Brasil, Dom Leolino Gomes Neto. Este faleceu em 2014, assumindo, no seu lugar, Dom José Faustino Filho. Este, ao aposentar, em 2018, deixou de responder, civilmente e juridicamente, aos assuntos da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil. Desta data em diante, Dom Tito Paulo George Hanna passa a representar, enquanto arcebispo-presidente, a Igreja no Brasil.

Dom Tito Paulo George Hanna fora sagrado, no dia 19 de fevereiro de 2012, em Damasco, na Síria, pelas mãos de Sua Santidade Mor Inácio Zaquie I Iwas para atuar no Brasil como Núncio Apostólico, ou seja, o representante patriarcal para as Igrejas de Missão no Brasil. Após aposentadoria de Dom José Faustino Filho, é, atualmente, o arcebispo-presidente da Arquidiocese Sirian Ortodoxa no Brasil.



Dom Tito Paulo Georges Hanna, arcebispo-presidente da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil

Na visita patriarcal de Sua Santidade, o patriarca Inácio Efrém II Karim, ao Brasil, em outubro de 2016, a Paróquia do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Santo Cinto da Arquidiocese da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil fora escolhida para receber um fragmento da relíquia do “Cinturão de Maria”. A paróquia é, atualmente, administrada pelo padre Flávio Moreira e está sob a jurisdição de Dom Tito Paulo Hanna, arcebispo metropolitano e Núncio Apostólico no Brasil.

A fração de corda fica dentro de um ostensório na Paróquia Divino Espírito Santo, no Riacho Fundo II.



À esquerda, pároco Pe. Flávio Moreira em procissão com o relicário do fragmento do Santo Cinto e, à direita, Pe. Celso Kallarrari em visita à Paróquia

O fragmento da relíquia do Santo Cinto, que atrai a devoção de milhares de cristãos, foi trazida, em 2016, pessoalmente, pelo Patriarca Mor Inácio Efrém na sua primeira visita apostólica ao Brasil. Ele esteve presente na celebração de consagração do altar e, consequentemente, na entronização do Cinturão Sagrado, durante a celebração da Santa Missa, na Paróquia do Santo Cinto.

Além de Sua Santidade, participaram da Consagração do Altar e Entronização do Santo Cinto, os arcebispos Dom Tito Paulo George Hanna, Dom José Faustino Filho, Dom Silvanos B. Al-Nehmeh, Dom Crisóstomo Y. Ghassaly, conforme podemos observar nas duas fotografias abaixo:



Na foto, ao lado direito do Patriarca, encontra-se Dom Tito Paulo G. Hanna e Dom José Faustino Filho; à esquerda, Dom Silvanos B. Al-Mehmeh e Dom Crisóstomo Youhanna Ghassaly.

Na ocasião da visita ao Brasil, o Patriarca Mor Inácio Efrém II Karim, segurando o ostensório com fragmento do Santo Cinto, apresenta a relíquia aos fiéis para veneração, juntamente com Dom Tito Paulo George Hanna, arcebispo e núncio apostólico da Igreja Sirian Ortodoxa em missão no Brasil, Dom Silvanos Boutros Al-Nehmeh, arcebispo da arquidiocese de Homs e Hama; e Dom Crisóstomo Youhanna Ghassaly, arcebispo da Argentina e o Padre Flávio Moreira, pároco da Igreja do Divino Espírito Santo e do Santo Cinto, no altar da Igreja, no Riacho Fundo, Distrito Federal, onde a devoção à Virgem do Santo Cinto é acompanhado por inúmeras bênçãos, libertações, curas e milagres.



Dom José Faustino Filho, acompanhado pelo Cura episcopo Paulo Milton Justus, celebrando a Festa de Nossa Senhora do Cinto (Assunção de Maria), na Paróquia do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Cinto, em 18 de agosto de 2017.

6. *Devoção Mariana Siríaca*

A doutrina e a devoção siríaca oriental a Maria se desenvolveu desde o século II, compreendida pelos padres sob a ótica Crística, soteriológica, antropológica, eclesiológica e pneumatológica. William Toma,

em seu artigo *Typology of Mary in the Writings of East Syriac Fathers*¹⁵, apresenta os diversos títulos atribuídos à Virgem Maria conferidos pelos padres da Igreja de tradição siríaca, dentre eles Efrém (sec. IV), Narsai (sec. V), Gewargis Warda (séc. XIII) e Elias III (séc. XII). De acordo com este autor, “Maria é para Cristo como a lua é para o sol”, isto é, ela é “o reflexo de Cristo”. Então, se olhar para o sol é quase impossível a olho nu, e olhar para a lua, durante a noite, é mais agradável, também torna-se impossível olhar para a intensidade da luz (Shekinah) que emana de Cristo, enquanto que olhar para Maria, quem reflete a luz do Filho, é mais agradável ou menos tenebroso, porque como observa Warda,

“Em seu ventre ela levou fogo; em seu corpo ela carregava a Shekinah”. Ele acrescenta: “Ela se tornou um tabernáculo para o Senhor, um palácio para o Filho do Altíssimo, [e] um castelo para o Filho do Criador, que se assemelha a ela neste mundo”. Nestas passagens, descobrimos que Maria é o receptáculo da luz divina (p. 9-10).

Não há dúvidas de que toda a doutrina e títulos marianos são cristológicos, porquanto buscam ou acenam, propositadamente, para Cristo¹⁶. Dentre os diversos títulos analógicos¹⁷ atribuídos ao papel de Maria pelos padres da tradição siríaca, destacamos “Templo de Deus”, “Tabernáculo” e “Arca da Aliança”, porque ela

[...] é retratada como o novo tabernáculo e a Arca da Aliança. Maria é vista como o primeiro e mais belo tabernáculo. Ephrem diz: “José e também João [O Evangelista] honrou o ventre de sua mãe como um símbolo. É o símbolo do Tabernáculo temporal no qual Emmanuel estava morando.”

A Assunção da Virgem aos céus, em corpo e alma, revela-nos não tão somente que o ventre de Maria fora preparado (santificado) para a concepção do Filho de Deus, mas que ela, por inteira, fora santificada. Tornou-se, de fato, a “Imaculada”, ou seja, a “Sempre Virgem”, sem mancha alguma do pecado, desde o momento da concepção de Cristo. Os termos marianos “Templo de Deus”, “Tabernáculo” ou a “Arca da Alian-

¹⁵ Títulos de Maria nos Escritos dos Padres Siríacos Orientais

¹⁶ A teologia dos padres siríacos orientais não está baseada numa sistemática ou dogmática, como fora feita na tradição latina, mas a partir da fé que promove a reverência, contemplação e adoração silenciosa do mistério.

¹⁷ Os padres siríacos atribuem a Virgem Maria os seguintes títulos: “Sempre Virgem”, “terra Maria”, “Vara de Aarão”, “Lã de Gideão”, “Ícone da Criação”, “Segunda Eva”, “Árvore da Vida”, “Templo do Espírito”, “Serva da Divindade”, “Mãe da Humanidade”, “Noiva de Cristo”, “Segundo Céu”, “Sarça Ardente”, “Tabernáculo”, “Arca da Aliança”, “Templo e Santo dos Santos”, “Arca de Noé” e “Mãe da Igreja” p. 1-11)

ça” fazem analogia ao Antigo Testamento, quando Deus se fazia presente no meio do seu povo, porque, quando a arca era carregada, a nuvem de glória do Senhor cobria a tenda de reunião ou enchia o Tabernáculo. (Êx 40, 34-35; Nm 9, 18, 22)

Uma vez que a Arca da Aliança é retratada como um tipo de Maria, um paralelo e contraste é encontrado entre a Arca e o útero de Maria: 1) na Arca da Aliança está a lei de Deus escrita em duas pedras e dada somente a Israel; no ventre de Maria está a Palavra de Deus encarnada, plantada na mente e no coração de toda a humanidade; 2) na Arca da Aliança há um pote de ouro que segura o maná, no ventre de Maria está o Pão da Vida que desceu do céu para nossa salvação; 3) na Arca da Aliança é o cajado de Aarão, a prova do verdadeiro sacerdócio, no ventre de Maria, está verdadeiro sacerdócio do Altíssimo (p. 9).

No Novo Testamento, Deus, na pessoa de Jesus Cristo, desce das alturas, encarna-se na carne de Maria, como verdadeiramente Deus e homem, acima da lei (tábuas da Aliança), do cajado de Aarão e do maná, porque ela fora santificada pelo poder do Altíssimo que a envolveu. De modo algum Deus deixaria ser corrompida a carne de Maria que também é a carne do Filho de Deus. Na glória do paraíso, assunta aos Céus, Maria é a Nova Arca, morada da Palavra de Deus.

De acordo com a tradição eclesiástica siríaca, “Deus levou a Virgem para casa”. Segundo a liturgia siríaca, na festa da Assunção de Maria, utiliza-se o termo siríaco “*Shounoyo*” para indicar a “Dormição” de Maria. A raiz da palavra, entretanto, indica que “shounoyo” relaciona-se a “migração”, ou seja, o “mover de um lugar para outro”, indicando a “Migração da *Theotokos*” (*Shounoyo d'yldath Aloho*).

Por outro lado, o termo também indica “morrer”, porém uma morte relacionada a uma pessoa ligada a hierarquia eclesiástica, tais como um diácono, sacerdote ou bispo. O patriarca Zakka nos faz refletir que nada exclui a possibilidade de Nossa Senhora ter subido aos céus no seu corpo glorificado, porque se Enoque e Elias tiveram o privilégio de seus corpos não morrerem na corrupção, quando mais seria o corpo da Virgem Maria. É dele a indagação abaixo:

Se Enoque andou com Deus e ele não morreu, porque Deus o levou (Gn 5, 24) e Elias, o profeta ascendeu ao céu numa carruagem de fogo (II Reis 2, 11), não seria a Virgem Maria, quem carregou Jesus nove meses em seu ventre, deu a luz e o amamentou, digna de ter seu corpo preservado da corrupção e de ter sido transformado em um corpo espiritual, ascender ao céu em carne e alma para desfrutar de estar ao lado do seu filho amado Jesus Cristo? (IWAS, 2010, p. 14)

Pensemos, pois, à luz dessas verdades bíblicas. Se Jesus foi capaz de mudar os planos de Deus quanto ao seu primeiro milagre realizado, porque resolvera atender ao pedido da mãe, transformando “água em vinho” e “desobedecendo” o protocolo de Deus, que diremos do próprio Deus? Este não teria preparado, à direita do seu Filho, um lugar especial, àquela que fora obediente e cooperou com o plano de salvação projetado pelo próprio Deus? Diremos, então, à luz da tradição cristã, que Maria, acima de todas as criaturas, está sentada à direita de Jesus, como nossa intercessora, medianeira de todas as graças.

7. Considerações finais

No capítulo 15 do livro de Judite, no Antigo Testamento, o versículo 9 a 10, refere-se à Judite como aquela que trouxe glória a Jerusalém, como o motivo de orgulho e a honra de Israel, porque ela “sozinha trouxeste a vitória para o povo de Israel, e Deus está contente com o que fizeste. Que o Senhor todo-poderoso continue a abençoar-te para sempre!”. Que diremos da Virgem Maria, aquela, cuja descendência (Deus já havia prometido) esmagou a cabeça de satanás, da antiga serpente? Que diremos da Virgem Maria que, em tudo fora obediente a Deus? Que diremos da Virgem Maria, a única mulher a ter a experiência da trindade em sua vida? A sombra do Altíssimo a envolve, o Espírito Santo a engravida e a Palavra de Deus, isto é, o Verbo nela se faz carne e, por seu intermédio, Deus habita entre nós.

Judite é a prefiguração de Maria. É Maria a glória, o orgulho e a honra de Israel e de toda a humanidade, porque foi por meio dela e, somente por meio dela, que Deus pode cumprir, de fato, o seu plano de Salvação, enviando seu único Filho para morrer por nós. Maria só poderá ser a nova Judite, a nova Eva, ou melhor, a nova Arca da Aliança que, em seu processo de Dormição e Assunção, torna-se para todo o gênero humano, obra prima de Deus. É Maria que, afinal, antecipa toda a nossa compreensão da ressurreição final, onde todas as almas que perseveraram até o final, aqueles que estiverem vivos ou mortos, seremos transformados. Nossos corpos serão incorruptíveis e se unirão, definitivamente, às nossas almas.

Se Jesus, o Filho de Deus, foi capaz de mudar os planos do Pai, quanto ao primeiro milagre a ser realizado, porquanto resolvera atender ao pedido da sua Mãe, “descumprindo” o protocolo divino, ao transformar a água em vinho, numa festa de casamento, que diremos do próprio

Deus (Jo 2, 1-11)? Ele não teria preparado, à direita do seu Filho amado, o Novo Adão, um lugar especial, uma vez que Deus encontrou nela, graça, e ela fora obediente, fazendo-se serva, diferentemente de antiga Eva. É a ele que recorremos, desde os primórdios, pedindo seu auxílio, sua intercessão, porque ela passou desta vida a outra vida como exemplo da nossa ressurreição no último dia, quando nossos corpos transformados levantarão do chão e se unirão, novamente, às nossas almas.

De fato, a Assunção de Maria é uma prefiguração do que nos acontecerá no fim dos tempos. É Cristo quem veio buscar a sua noiva, a Mãe da Vida, a Sempre Virgem, a Nova Eva, a Theotokos, como virá também, no último dia, buscar a sua Igreja para viver, na plenitude, as maravilhas que Deus nos tem preparado, conforme Jesus nos disse: “na casa de meu Pai há muitas moradas...”

Quando celebramos a Dormição e Assunção da Virgem Maria, o hino da Divina Liturgia da Festa da Dormição da nossa Igreja apresenta Maria como a Santíssima Mãe de Deus, aquela que não morreu, que apenas adormeceu para este mundo e, por isso, fora assunta ao Céu em corpo e alma. É a Ela que recorremos, pedindo-lhe suas intercessões:

Ao dar à luz, manteve a tua virgindade.

Ao adormecer, não abandonaste o mundo, ó Mãe de Deus.

Tu passaste para a vida, porque tu és a Mãe da vida. Como poderia morrer aquela que é a “Mãe da Vida”, a geradora da Vida?

Não, a Santíssima Mãe de Deus não morreu.

Ela adormeceu para este mundo, sendo transladada pelo próprio Cristo para o céu.

Por isso, peçamos a ela que, por suas intercessões, livre nossas almas da morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARSOUM, Mor Efrém I. *Excerpts from a Patriarchal statement on the girdle of our Lady Virgin Mary in the Church of Homs, Síria*. Trad. De Farid H. Bismarji, 1967.

BIOGRAPHIE DE SANTA MARIE. In: *Syrian Orthodox Archbishopric of Homs and Hama*. Disponível em: <<http://zunoro.net/history-of-holy-zunnar>>. Acesso em: 25 nov 2018.

CATECISMO da Igreja Católica Romana. São Paulo: Paulus, 1994.

CHURCH fears 'ethnic cleansing' of Christians in Homs, Syria. In: *World Now. News from around the world*. 23/04/2012. Disponível em: <https://latimesblogs.latimes.com/world_now/2012/03/church-fears-ethnic-cleansing-of-christians-in-homs-syria.html>. Acesso em: 10 jan 2019.

DEVASTADA pela guerra, cidade síria de Homs encarna espírito natalino. In: *Em.com.br Internacional*. 21/12/2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2017/12/21/interna_internacional,926216/devastada-pela-guerra-cidade-siria-de-homs-encarna-espirito-natalino.shtml>. Acesso em: 10 dez 2018.

DRAGAS, Fr. George Dion. The Feast of the Dormition of Theotokos (August 15). In: *Malankara World*. Disponível em: <<http://www.malankaraworld.com/library/shunoyo/shunoyo-catholic-vs-orthodox-frDragas.htm>>. Acesso em: jan 2019.

FAUSTINO FILHO, Mor Efrém José. (Org.). *Calendário siro-ortodoxo 2019*. Calendário litúrgico do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo. Publicado pela OSEOG – Obras Sociais da Eparquia Ortodoxa de Goiânia. Aparecida de Goiânia, GO, 2019.

HOLY GIRDLE. In: *Wikipedia*. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Holy_Girdle>. Acesso em: 15 out 2018.

ISOA tem novo Representante Patriarcal para as Igrejas de Colônia no Brasil. In: *Conic: notícias*. 17 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.conic.org.br/portal/noticias/2910-isoa-tem-novo-representante-patriarcal-para-as-igrejas-de-colonia>>. Acesso em: 20 dez 2018.

IWAS, Moran Mor Ignatius Zakka I. *Um olhar sobre a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia*. Trad.: Pe. Pablo Neves. 1. ed. 2016.

IWAS, Moran Mor Inácio Zaquie I. *A Santa Virgem Maria na Igreja Ortodoxa Siríaca*. 14 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://syrianorthodoxchurch.org/2010/02/the-holy-virgin-mary-in-the-syrian-orthodox-church>>. Acesso em: 10 out 2018.

KALLARRARI, Pe. Celso (Org.). *Catecismo da Igreja Ortodoxa Siríaca*. Perguntas e respostas. Edição comentada. São Paulo: Reflexão, 2012.

KALLARRARI, Pe. Celso. Mor Severius Malki Mourad: representante patriarcal no Brasil. In: *Igreja Sirian Ortodoxa Virgem da Paixão*. 8 de dezembro de 2018. Disponível em:

<<http://igrejasirianortodoxaba.com.br/site/2018/12/08/mor-severius-malki-murad-representante-patriarcal-no-brasil>>. Acesso em: 10 dez 2018.

KHATLAB, Roberto. *As igrejas orientais católicas e ortodoxas: tradições vivas*. São Paulo: Ave Maria, 1997.

PIUS XII, Papa. *Munificentissimus Deus*. Definição do dogma da Assunção. Vaticano, 1º de novembro de 1950.

ROSA, Luís da. Assunção e dormição de Maria. In: *Abiblia.org*. Disponível em: <<https://www.abiblia.org/ver.php?id=11035>>. Acesso em: nov 2019.

SALIBA, Dayroyo. The Virgin Mary's Girdle, "Holy Zunoro," at Mor Athanasius Parish in Tarpon Springs, Florida. 18 of may of 2018. In: *Syriac Orthodox Church of Antioch* (Archdiocese for the Eastern United States). Disponível em: <<http://syrianorthodoxchurch.org/2018/05/the-virgin-marys-girdle-holy-zunoro-at-mor-athanasius-parish-in-tarpon-springs-florida>>. Acesso em: 15 jan 2019.

SÃO João Evangelista, o teólogo. *A passagem da Santa Mãe de Deus*. Disponível em:

<http://www.teologiapelainternet.com.br/biblioteca/arquivos/Evangelicos/Livros_Apocrifos/Apocrifo_Passagem_Maria.pdf>. Acesso em: 20 out 2018.

SCHLABACH, Rachele Lyndaker. Syria's faces of war. In: *MCC Washington Office*. 17 of March of 2014. Disponível em:

<<https://mcc.org/stories/syrias-faces-war>>. Acesso em: 18 dez 2019.

SULEIMAN, Jorge. *Igreja Siríaca Ortodoxa São João Batista*. Jubileu de Diamante (1958-2018). São Paulo, 2018.

TOMA, William. Typology of Mary the Writings of East Syriac Fathers. In: *Academia*. Janeiro de 2018. Disponível em:

<<https://www.ncronline.org/news/world/christians-syria-struggle-amid-violent-clashes>>. Acesso em: 14 nov 2019.